

O Plano Ladrão

Novo pacote do governo é recessivo e arrocha os salários

págs. 3, 4 e 5

FEVEREIRO

N.º 42

NCz\$ 0,40

Depto. Moraes

PT BOLETIM NACIONAL

ÓRGÃO DA EXECUTIVA NACIONAL DO PT

Governos municipais: a política na frente

págs. 7 e 8

Argentina: A democracia em risco

pág. 12



O candidato presidencial do PT encontra-se com republicanos em Cuba

Lula no exterior

Ele foi recebido pelos chefes de governo de Cuba, Nicarágua e Peru

págs. 10 e 11



Robert Pollock

João Barbosa: o novo presidente do Sindicato de Xapuri, entrevista na última página.

CUT prepara greve geral

pág. 5

O ópio "impróprio"

pág. 13

O sucessor de Chico Mendes

Última pág.

Editorial

Quem garante a democracia

Essa edição do BN vem a público num momento em que o (des) governo Sarney faz mais uma patética tentativa de mostrar ao povo a que veio.

Patética porque, há poucos dias da decretação do "Plano Verão", o pretenso congelamento de preços que o governo diz aferecer aos trabalhadores em troca do arrocho nos salários, já se mostra completamente ineficaz, dada a silenciosa remarcação que vem ocorrendo nos gêneros de primeira e segunda necessidade.

Patética porque, ao envolver o Congresso Nacional na decisão do assunto, revelou uma vez mais a cumplicidade dos outrora integrantes da "Nova República", especialmente o PMDB, com o presidente da República por mais que hoje se perfumem de oposição, dada a conveniência eleitoral. Iludem-se os que pensam que o povo alterou seu repúdio a essa cumplicidade por causa das migalhas que o presidente do PMDB obteve para os salários, no dia da votação do pacote. Pelo contrário, ela mostrou definitivamente que Sarney e Ulysses, unidos por um "pacto do diabo" desde o começo dessa desventura da "Nova República", fazem de tudo para tornar a transição conservadora uma transitoriedade eterna.

E patética ainda porque o principal responsável pela instabilidade do processo de democratização do país — o governo — quer agora apontar uma saída para garantir a tranquilidade política nacional até as eleições presidenciais.

Mas o PT, justamente para evitar que o patético de hoje se transforme no trágico de amanhã, não se deixou enganar: opôs-se frontalmente ao novo pacote. E está capitaneando a luta contra o arrocho e a recessão que ele significa. Essa sim, é a principal garantia que o povo dispõe para alargar e consolidar a democracia no Brasil.

Notas/Informações

Caderno Especial Chico Mendes

A CUT, o Conselho Nacional de Seringueiros e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri elaboraram material relativo às lutas nas quais o sindicalista e ecologista **Chico Mendes** esteve à frente no Acre. Este material divulgado na forma de uma revista, contou com o auxílio de diversas entidades, entre as quais o CEDI - Centro Ecológico de Informação e Documentação e o IEA, Instituto de Estudos Amazônicos.

A revista, de 32 páginas, contém material informativo e depoimentos de Lula, Fernando Gabeira, Fábio Feldman, Jair Meneguelli, Ailton Krenak e companheiros que acompanharam o dia-a-dia de Chico Mendes.

Uma entrevista, até o momento inédita, acompanha os depoimentos, realizada com Chico Mendes durante o 3.º Congresso Nacional da CUT (acontecido no ano passado).

Constituintes estaduais

A Secretaria Geral Nacional do PT vai realizar nos dias 20 e 21 de fevereiro, na Assembléia Legislativa de São Paulo, o III Seminário Nacional de Constituinte Estadual. A reunião pretende fazer um balanço do trabalho dos parlamentares petistas em torno do assunto e discutir anteprojeto do partido de constituição estadual.

Já as discussões nas Câmaras Municipais acerca da nova lei orgânica do município serão colocadas imediatamente ao término das constituintes estaduais. Para encaminhar esse debate no interior do partido, a

Executiva Nacional formou uma comissão que terá a responsabilidade de apresentar um anteprojeto de lei orgânica, apontando linhas gerais e compromissos de nossos vereadores.

Essa comissão é composta pelos seguintes companheiros: Pedro Dalari (São Paulo/SP), Antônio José (Teresina/PI), Elói Pietá (Guarulhos/SP), Patrus Ananias (Belo Horizonte/MG), Flávio Koutzli (Porto Alegre/RS), Claudimar (Assessor parlamentar/PR), Carlos Olímpio (Indaiatuba/SP), Eliomar Coelho (Rio de Janeiro/RJ) e Sérgio Renault (Assessor jurídico/SP).

PT/RJ debate nucleação

A Secretaria de Formação Política do PT-RJ inseriu um salutar elemento crítico na euforia dos êxitos eleitorais. Menos de um mês depois do pleito de novembro, trabalhando em conjunto com a Fundação Wilson Pinheiro e a Secretaria de Organização, realizou o 1.º Encontro Regional de Nucleação do Estado do Rio.

A convocatória do Encontro assinala, de saída, o desnível e até o desencontro entre os documentos bá-

cos do PT - que exigem a nucleação dos petistas - e a realidade do mau funcionamento, esfacelamento e falta de atenção aos núcleos. Em consequência, tornou-se necessário um alerta contra os riscos de descaracterização do Partido. "caso não enfrentemos a necessidade de sua organização pela base".

A resposta foi encorajadora. Mais de 200 petistas acorreram ao encontro, para debater formas de fortalecimento dos núcleos.

Intelectuais debatem Lula-89

Reunidos em São Paulo nos dias 28 e 29 de janeiro passado, cerca de 50 intelectuais e artistas debateram o momento político nacional e a candidatura presidencial do PT. A reunião foi coordenada pelos companheiros Francisco Weffort e Vladimir Pomar (membros da Executiva Nacional do PT) e contou com a presença de pessoas, ligadas ou não ao partido, de São Paulo (entre os quais, Otávio Ianni, Roberto Schwarz, Fábio Konder Comparato, Antônio Cândido, Estêvão Goes, Jacob Gorender, Marcelo Paiva), Rio de Janeiro (Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Luiz Pinguelli Rosa, René Dreifuss,

Paulo Betti, entre outros), Minas Gerais (Luiz Dulci), Rio Grande do Sul (Tarso Genro), Santa Catarina (Osvaldo Maciel) e Bahia (José Sérgio de Azevedo).

O debate do encontro se desenvolveu em torno da colocação inicial do companheiro Weffort, que destacou a importância da participação dos intelectuais, enquanto criadores e organizadores de cultura, na campanha presidencial deste ano. Após o debate, os presentes se dispuseram a participar dos grupos de trabalho que estão elaborando o programa presidencial do PT, e marcou-se uma próxima reunião, para abril.

Cem camponeses mortos em 88

A Comissão Pastoral da Terra (CPT) divulgou em janeiro passado uma estatística parcial da violência no campo em 1988.

Segundo os dados da CPT, o número de trabalhadores rurais assassinados no ano passado chegou a cem. Só depois das eleições de novembro, onze compa-

nhões foram mortos. Além disso, foram 48 o número de atentados contra posseiros, pequenos agricultores, lideranças sindicais e assalariados do campo. O número de conflitos de terra em 1988 chegou a 535.

Atualmente, 97 pessoas da zona rural estão ameaçadas de morte.

Ecologia no PT

A Questão Ecológica no Plano de Ação do Governo (PAG) da campanha Lula-89 foi discutida, em caráter preliminar, nos dias 21 e 22 de janeiro passados, com a presença de representantes de sete estados. Dessa reunião, iniciou-se a elaboração do primeiro roteiro do programa ambiental para o PAG. Ele já foi encaminhado aos DR's e aos militantes petistas do movimento ecológico e deverá passar por uma segunda discussão nos dias 25 e 26 de fevereiro, em São Paulo, ocasião em que será dada sua redação final.

Os companheiros desse grupo de trabalho conside-

ram fundamental o engajamento dos militantes nesta primeira discussão, bem como a inserção de pesquisadores, técnicos e cientistas que, mesmo não sendo militantes do PT, têm enormes contribuições na área. A segunda discussão é aberta a todos os interessados no tema.

A coordenação deste grupo de trabalho é de responsabilidade do companheiro Luiz Eduardo Cheida. Qualquer documento ou sugestão deve ser encaminhado a ele no seguinte endereço: rua Moreira Cabral, 191; CEP 86015, Londrina/PR; fone (0432) 23-4184, ou à Sede Nacional aos cuidados de Sônia.

Sociedade

Mobilização geral para derrotar o pacote

A Direção Nacional do PT convoca a militância, a população e as forças progressistas a se unirem para combater e derrotar o "Plano Verão"

Jornadas de protesto contra a política econômica do governo Sarney e o "Plano Verão", mobilização geral da população e de todas as forças progressistas da sociedade serão capazes de fazer reverter os efeitos danosos do último pacote. Esta diretriz de enfrentamento, que dará suporte à ação parlamentar do PT e dos partidos de oposição para derrotar o governo no Congresso, foi aprovada na reunião da Comissão Executiva Nacional, dia 17 passado. Em nota oficial, a CEN adverte também que "para além das medidas de curto prazo, o que o governo busca com o "Plano Verão" é unificar as classes dominantes em torno de um projeto econômico estratégico para a disputa das eleições presidenciais". É este o texto da nota:

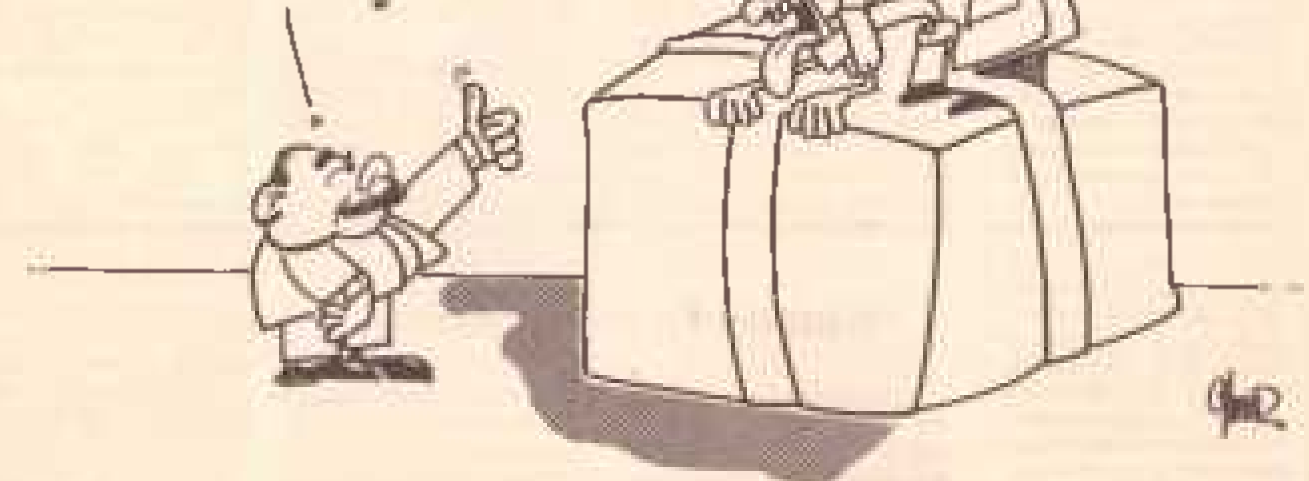
1. O "Plano Verão" é um golpe eleitoral

"Derrotado nas urnas em novembro e desmoralizado perante a opinião pública devido à sua incapacidade em atacar os problemas do país, o governo Sarney baixou o "Plano Verão" na tentativa de ganhar fôlego até as eleições. Embora ainda esteja presente na memória do povo a farsa do Plano Cruzado, o governo, ao decretar o congelamento, procurou fazer crer que atende aos reclamos da população, que sofre com a alta desenfreada dos preços e com a perda crescente de seu poder aquisitivo. Mas o sentido geral do "Plano Verão" é anti popular, pretende combater a inflação com recessão e submete o país à política de ajuste imposto pelo FMI.

2. O "Plano" só favorece as classes dominantes

Recessivo, eleitoral, prejudicial aos trabalhadores, o "Plano Verão" favorece os banqueiros internacionais, os grandes exportadores e os especuladores financeiros - principais responsáveis pela crise econômica do país. Mais que isso, porém, ao manter intocada a política de pagamento da dívida externa, ao descarregar sobre os funcionários públicos a culpa pelo crescimento da dívida pública interna e ao tentar impor aos trabalhadores uma fórmula de reajuste salarial que mantém e amplia as perdas do passado, o "Plano Ve-

CAPRICHA NO LAÇO MAILSON!



ráo" estabelece um nítido divisor de águas: o governo assume plenamente o partido dos grandes grupos econômicos e deixa clara sua opção por um modelo econômico privatista, concentrador de renda e que aliena a economia do país ao capital estrangeiro.

Para além das medidas de curto prazo, o que o governo busca com o "Plano Verão" é unificar as classes dominantes em torno de um projeto econômico estratégico para a disputa das eleições presidenciais.

3. Em defesa do salário e do crescimento econômico

O PT, que em dezembro passado apresentou à sociedade o Plano Econômico Alternativo de Emergência, para vencer a inflação pela via da retomada do desenvolvimento e com distribuição de renda, se opõe ao "Plano Verão", ao padrão de desenvolvimento que ele articula e conclama a população a combatê-lo desde já.

A população - unida e mobilizada - tem força para resistir e fazer reverter o pacote recessivo. O PT somará forças com todos que se disponham a engajar-se nessa luta. Para isso, se dispõe a tomar as seguintes iniciativas:

a) Convocar os militantes, filiados e simpatizantes, em articulação

com os centrais sindicais, movimentos populares, entidades da sociedade civil e membros de outros partidos para jornadas de protesto contra a política econômica do governo Sarney e pela rejeição do "Plano Verão" no Congresso Nacional;

b) Os prefeitos petistas assumirão, no âmbito de sua competência, a tarefa de apoiar os esforços da po-

pulação para congelar os preços e garantir o abastecimento;

c) A bancada federal do PT denunciará o caráter inconstitucional das medidas provisórias e votará contra o pacote. Tomará ainda a iniciativa de procurar outros partidos a fim de propor uma alternativa econômica ao "Plano Verão" (no quadro desta página, veja os dez pontos da proposta petista).

10 propostas para mudar

Da nota da Direção Nacional consta também um conjunto articulado de dez propostas em substituição ao "Plano Verão", calcado no Plano Econômico Alternativo de Emergência.

1) Uma política de recuperação progressiva das perdas salariais e de defesa do poder de compra dos trabalhadores;

2) Suspensão do pagamento da dívida externa e convocação de uma CPI para apurar as origens e as circunstâncias dos empréstimos contraiados para decidir sobre sua legitimidade ou não. Suspensão dos reempréstimos e das operações de conversão da dívida;

3) Estabelecimento de um efetivo controle de preços dos setores oligopolistas da economia, com participação popular na fiscalização;

4) Criação de uma legislação rigorosa sobre delitos econômicos contra a economia popular;

5) Regulamentação imediata do imposto sobre grandes fortunas previsto na Constituição;

6) Estabelecimento de um empréstimo compulsório sobre ganhos de capital, particularmente sobre os lucros dos especuladores financeiros;

7) Criação de uma política agrícola especialmente voltada para o incentivo à produção de gêneros de primeira necessidade;

8) Revisão geral dos incentivos e subsídios, principalmente do setor exportador;

9) Transferência para os trabalhadores da administração do PIS/PASEP e demais fundos sociais;

10) Criação de um Fundo de Investimentos e Políticas Sociais para fomentar a retomada do crescimento, utilizando os recursos provenientes da suspensão dos pagamentos externos, com o empréstimo compulsório e imposto sobre grandes fortunas.

Plano verão

“O choque é eleitoreiro”

O economista Guido Mantega explica por que o novo pacote do governo é recessivo e arrocha os salários, e como Sarney pretende usá-lo politicamente.

O economista Guido Mantega acha que o “Plano Verão” tem fôlego curto e explica como o governo pretende capitalizá-lo eleitoralmente. Na entrevista, concedida ao editor do BN, Cícero Araújo, o professor da FGV e da PUC-SP também faz uma análise do projeto conservador que está por trás do novo pacote do governo.

Além de estar assessorando a Secretaria do Planejamento da capital paulista, atualmente Guido integra o grupo de economistas do PT que está elaborando o programa de governo da campanha Lula-89. Eis os principais trechos da entrevista:

BN - A nota oficial do partido sobre o “Plano Verão” (ver na pág. 3) diz que o pacote é recessivo e achata os salários. Por quê?

Guido - É recessivo porque toma um conjunto de medidas para diminuir o consumo e, por tabela, a produção. Nesse aspecto, todas as válvulas que o Plano Cruzado abria para dar vazão ao consumo foram, neste novo pacote, fechadas: pensando na possibilidade de uma “febre” consumista em virtude do congelamento dos preços (ou de que ele venha a acabar a médio prazo), o governo diminuiu o crédito disponível, aumentou o encaixe bancário (isto é, reprimiu a disponibilidade de empréstimos), e aumentou brutalmente a taxa de juros (induzindo as pessoas a preservarem suas cadernetas de poupança ou a investirem na especulação financeira). Portanto, as empresas não serão estimuladas a investir na produção. Soma-se a isto o clima de incerteza sobre o próprio futuro do plano.

Antes de falar do arrocho salarial, é importante esclarecer como, do ponto de vista dos ministros da área econômica, a “cacetada” no consumo está ligada ao combate à inflação. A ortodoxia econômica receitada



Guido: o problema da dívida permanece intocável

pelo FMI - e seguida à risca pela dupla Mailson-Abreu - entende que o “excesso” de consumo provoca aumento de preços. Para inibi-lo não basta conter o crédito. É preciso também achatar a massa de salários. Isso ocorre tanto na área privada quanto na pública.

No setor público, porém, existe mais um motivo especial: o déficit público. O governo quer diminuir as despesas achatando o item dos salários, dizendo que ele abocanha a maior parte da receita. Aqui já fica claro o conteúdo político e classista do pacote, porque nesta contabilidade o governo não considera o custo da rolagem das dívidas interna e externa: enquanto o pagamento de salários não ultrapassa 30% de todas as des-

pesas, só a rolagem é responsável por 35%. Fica a pergunta: por que o governo, ao invés de penalizar os trabalhadores das empresas e serviços públicos, não penaliza o setor financeiro nacional e os credores externos?

Por isso, a nota do PT diz que o governo não ataca as causas mais profundas da inflação, já que o problema da dívida permanece intocável. Nós afirmamos com todas as letras que essa é a principal causa da explosão inflacionária, ao nos exportar 4% a 5% do PIB anualmente, queimando todo o superávit obtido com as exportações. Para pagar a dívida, somos obrigados a retrainir o mercado interno e voltar a produção para o exterior. Isso provoca aumento de preços e recessão. Para pagar os exportadores, o governo é obrigado a emitir dinheiro e títulos da dívida pública. Isso abala gravemente as finanças do Estado e gera mais inflação.

BN - Fazemos uma especulação: em que medida o congelamento dos preços poderá ser eficaz, a curto e longo prazo?

Guido - A política ortodo-

xa, em nome do combate à inflação, causa grande ônus à sociedade: diminui a produção, aumenta a miséria, provoca desemprego etc. Mas isto não garante o sucesso no controle dos preços. Com o congelamento, o governo apenas “tapou”, provisoriamente, a panela de pressão inflacionária, mas embaixo o fogo continua aceso.

É claro que, a curto prazo, todo congelamento resulta em declínio da inflação. A médio prazo, porém, ela volta - e com mais força. E vai encontrar o País numa situação econômica e social bem piorada. Ou seja, os trabalhadores colherão todos os males dessa política e nenhum de seus benefícios, embora o governo tentará vender a ilusão de que algo melhorou. Mas o PT, desde já, denuncia o caráter eleitoreiro dessas medidas. Os estrategistas do governo querem apenas provisoriamente segurar os preços, dar uma recauchutada nas finanças públicas e pôr o pé no breque do consumo. Isso até junho, julho. Depois, volta a pisar no acelerador, reativando o crédito, para tentar



Antes do congelamento, os preços foram remarcados cotidianamente

faturar a eleição presidencial. Mas, sem que haja novos investimentos, as empresas simplesmente queimarão seus estoques e utilizarão sua capacidade ociosa. E se a demanda crescer muito, ao invés de produzir mais, tratarão de aumentar os preços. Assim, todos os ajustes de fundo, todos esses pepinos que Sarney não tem coragem de resolver, ficarão para o próximo governo.

Só que eu tenho dúvidas se essa estratégia vai dar certo. Basta lembrar que, especialmente em relação aos preços, a remarcação feita antes do congelamento foi completamente caótica. Houve empresas que remarcararam em 30%, outras 80%, 100% e assim por diante. Na verdade, os preços ficaram desalinhados. Se levarmos em conta que boa parte das compras e vendas de produtos é feita entre as empresas, muitas terão seus custos de produção aumentados sem ter a remuneração correspondente na venda de seu próprio produto. O resultado é a pressão sobre o governo, que já está existindo, para que certos preços sejam aumentados. Por outro lado, não vejo como o governo, sem o mesmo apoio que o povo deu ao Plano Cruzado, reunirá condições técnicas para fiscalizar o congelamento.

BN - No plano da dívida externa, o governo acena com a moratória. Você enxerga esta possibilidade? Se feita, ela coincide com a proposta apresentada no Plano Econômico Alternativo de Emergência do PT?

Guido - A moratória pretendida pelo governo não tem nada a ver com a proposta do PT. Se ela vier, será por imposição das dificuldades de caixa, não como resultado de uma estratégia premeditada para estancar a evasão de recursos ao Exterior, reinvestindo-os no crescimento interno.

Se vier, a moratória do governo será fruto de uma política "burra": apesar de no ano passado termos alcançado o maior superávit da história (19 bilhões de dólares), o governo ainda teve de queimar reservas para pagar o serviço da dívida. Agora está com problemas de caixa. Do ponto de vista do FMI, o Brasil se comportou muito bem. Só que não recebeu nenhum prêmio por isso. Pelo contrário, a dívida cresceu, não entrou nenhum dinheiro



GUIDO: A burguesia brasileira não tem, hoje, um projeto econômico bem definido.

novo e o PIB continua estagnado.

BN - A nota do PT fala também que o "Plano Verão" se articula com um projeto econômico mais amplo, de cunho neoliberal, que as forças de direita pretendem apresentar nas eleições presidenciais. Quais seriam as características básicas deste projeto?

Guido - Eu diria que o novo pacote abre campo para uma estratégia neoliberal, mas não explicitamente. Agora, nós sabemos, por declarações de economistas e políticos, quais as linhas mestras que orientariam este projeto. A grande saída para a economia brasileira seria a abertura completa para o capital estrangeiro, promovendo-se ao mesmo tempo uma redução do papel do Estado na economia (privatização de estatais, por exemplo). Também se eliminaria qualquer forma de reserva de mercado, para atrair multinacionais. Haveria maior estímulo às exportações, para tornar o Brasil algo parecido com os "tigres asiáticos" (Coreia do Sul e Formosa): uma mera plataforma de exportação, aproveitando a mão-de-obra barata e taxas de câmbio generosas. As consequências sociais dessa es-

tratégia são fáceis de perceber: para manter a competitividade dos produtos de exportação, os salários devem continuar reduzidos; por essa concepção, também uma política de distribuição de rendas não seria bem recebida, já que o neoliberal entende que ela é incompatível com o desenvolvimento econômico (se o capital quer maximizar taxas de lucro, pensam, não se pode aumentar impostos sobre ganhos de capital ou custos de pessoal).

BN - Você acha que a concepção neoliberal é capaz de atrair a grande burguesia brasileira?

Guido - Eu acho que a burguesia brasileira não tem, hoje, um projeto econômico bem definido. Predomina nela uma visão corporativa, estreita, incapaz de ganhar outras classes sociais. Este corporativismo faz com que a burguesia se afaste de qualquer idéia que implique uma diminuição de seus lucros em troca de um exercício mais estável de sua hegemonia política: para mim, esse é um dos componentes essenciais da crise que vivemos hoje. Então, ela acaba optando pelo caminho do menor esforço para ela mesma, oferecido pelo neoliberalismo.

CUT declara guerra contra o pacote

Para combater o confisco dos salários, a recessão e a inflação; para defender o emprego e reverter as medidas do "Plano Verão", a Central Única dos Trabalhadores (CUT) declarou guerra ao novo pacote econômico do governo, propondo uma série de mobilizações e ações conjuntas de todo o movimento sindical.

Em reunião realizada no dia 27 de janeiro último com representantes da CUT de todo o país, foi preparado um plano de resistência ao pacote e referendou-se a posição da Executiva Nacional da CUT de preparar uma greve geral, que deverá ser ampla e nacional, sem duração pré-estabelecida. O movimento estará paulado pelas seguintes reivindicações:

1. Reposição das perdas salariais acumuladas desde o Plano Cruzado de 1986.
2. Reajuste salarial mensal de acordo com os cálculos do Dieese.
3. Congelamento real dos preços.
4. Contra o desemprego.
5. Contrato coletivo de trabalho nacional.
6. Reforma agrária sob controle dos trabalhadores.
7. Política agrícola que atenda os interesses dos pequenos e médios produtores.
8. Não pagamento da dívida externa.

A experiência acumulada pela CUT e pelo movimento sindical demonstra que a organização de uma greve geral com estas características, para garantir conquistas aos trabalhadores, exige um intenso processo de mobilização e preparação, de discussão com as diversas categorias de trabalhadores e com toda a sociedade.

O plano da CUT prevê a realização de um Dia Nacional de Manifestações contra o Plano Verão (marcado para o dia 16 de fevereiro). A CUT também vai dirigir-se ao movimento popular, às entidades e instituições democráticas, para obter apoio ao movimento e propor seu engajamento na greve. Também procurará as lideranças dos partidos políticos para que se posicionem claramente contra o pacote.

A Executiva Nacional propôs à Central Geral dos Trabalhadores (CGT) e ao conjunto do movimento sindical este plano de ação, objetivando construir um movimento amplo, conjunto, baseado na unidade de ação.

Finalmente, nos dias 22 e 23 de fevereiro, será realizada uma reunião da direção nacional da CUT, ampliada com a participação de um representante de cada CUT estadual, e de cada entidade nacional filiada, para fazer um balanço do movimento, avaliar a data e programar a deflagração da greve.

Organização

O Partido dá a orientação

A nova Secretaria Nacional de Assuntos Institucionais do PT dará assessoria técnica e política às prefeituras petistas



Dulci: A ideia é estimular pessoas envolvidas com as prefeituras.

Na última reunião do Diretório Nacional, em dezembro passado, foi criada a Secretaria de Assuntos Institucionais do PT, a fim de dar conta da nova realidade criada pelos resultados das eleições municipais de 1988, especialmente no campo administrativo. O DN responsabilizou o companheiro Luis Soares Dulci - sindicalista membro da Comissão Executiva Nacional do partido desde sua fundação e ex-deputado federal por Minas Gerais -, para dirigir essa secretaria.

Dulci falou ao BN sobre os planos da nova Secretaria: "ela pretende atender a dois objetivos básicos. Primeiro, acompanhar politicamente o trabalho do PT no campo institucional - seja nas prefeituras, seja no Legislativo (bancadas de deputados federais, deputados estaduais e vereadores). Queremos integrar esses diversos trabalhos; subsidiá-los; e criar fóruns para que

a política institucional seja elaborada coletivamente. Em segundo lugar, a Secretaria pretende assessorar tecnicamente nossas administrações e nossas bancadas."

A preocupação do Diretório Nacional ao criar a Secretaria de Assuntos Institucionais, segundo Dulci, é viabilizar técnica e politicamente a presença da direção do partido nesse campo. "O Diretório Nacional reconheceu que no trabalho institucional anterior, embora tenha havido acompanhamento, este foi insuficiente para atender os problemas da relação partido-instituições. Precisaria ser aperfeiçoado, com uma presença mais direta - obviamente sem tutelar as bancadas e os prefeitos, sem ferir a relativa autonomia desses espaços - da direção nacional, de modo a assegurar que suas diretrizes políticas mais gerais sejam executadas."

Quanto à criação do Instituto de Assessoria de Políticas Públicas, ideia também aprovada pelo DN, Dulci faz uma distinção: "a Secretaria, que hoje conta com dois companheiros (Ricardo Azevedo, membro da direção estadual de São Paulo, e João Paulo Cunha, ex-vereador da cidade de Osasco), além de eu próprio, tem um papel eminentemente político. Já o Instituto será sobretudo técnico. Isso demanda uma estrutura profissional que preste serviços especializados nas diversas áreas - finanças, orçamento, planejamento municipal etc. A ideia não é prestar serviços apenas para prefeituras petistas, mas a

todas aquelas que quiserem comprá-los."

"Por outro lado", continua, "a decisão do DN assegura que a orientação política geral do Instituto seja do PT, através da Secretaria de Assuntos Institucionais, mas quer a garantia da autonomia jurídica do órgão".

A nova Secretaria tem elaborado um plano de trabalho para o semestre, que inclui um calendário de viagens pelas 36 prefeituras conquistadas pelo PT e cursos de formação para prefeitos e vereadores. "A visita às prefeituras pretende ser de trabalho e não meramente protocolar. Faremos reuniões com a direção

partidária local, com os secretários, a bancada de vereadores e ouviremos as demandas políticas e administrativas dos prefeitos. Esperamos completar este trabalho até o final do semestre. Também deveremos promover encontros nacionais de secretários municipais para trocas de experiências e intercâmbio setorial".

A Secretaria de Assuntos Institucionais já promoveu dois eventos em janeiro: um de caráter regional, reunindo os vereadores petistas do nordeste; outro, nacional, reunindo responsáveis, nos DR'S, pelo acompanhamento do trabalho institucional do partido.

DR de São Paulo muda esquema de Encontros

O processo de discussão será mais extenso e engajará um número bem maior de filiados. Com isso, ganha a democracia e o partido se fortalece.

O Diretório Regional de São Paulo abriu o processo de preparação dos Encontros Municipais, Zonais e Estadual (previsto este para os dias 19, 20 e 21 de maio), inaugurando um novo esquema no PT paulista. Diz o documento aprovado na reunião de 28 e 29 de fevereiro último que o objetivo é "contribuir para o aperfeiçoamento da democracia partidária, para o engajamento do maior número de filiados ao debate, para o fortalecimento da estrutura orgânica, para o avanço da luta dos trabalhadores e a conquista do socialismo".

Pelo novo esquema, o Diretório Regional lançou um documento-base

indicativo, que servirá como subsídio à discussão nos Encontros Zonais e Municipais. Ao nível municipal, os DMS igualmente apresentarão textos de introdução ao debate, tendo a preocupação de atingir o maior número possível de filiados.

Após a primeira rodada de debates, abre-se um período para a inscrição de chapas e de eventuais propostas alternativas ao primeiro texto-base indicativo. Em nova reunião, o DR escolherá, pelo voto da maioria, um texto-base indicativo ao Encontro, assumindo a tarefa de divulgar, para o conjunto dos filiados, este texto e todos os demais que se apresenta-

rem. No Encontro, caberá ao Plenário eleger, entre as teses apresentadas, qual será a base para as discussões nos grupos de trabalho, ratificando ou não a indicação do Diretório Regional.

Além disso, o DR aprovou um novo critério para a eleição de delegados, visando a permitir um debate mais organizado e consistente. De acordo com as normas aprovadas, cada diretório elegerá, em Encontros com quorum, um delegado para cada 300 filiados, e mais um delegado para cada 40 filiados presentes ao Encontro, garantindo-se a cada diretório eleger no mínimo um delegado.

Administrações petistas

Mobilizando o povo para as mudanças

Os prefeitos eleitos pelo PT, ancorados no apoio popular, tomam as primeiras medidas

Logo que tomou posse, a prefeita de São Paulo, Luíza Erundina, tornou público um plano de emergência para os primeiros cem dias de seu governo. Nele é denunciada, de antemão, uma situação de quase colapso que, salvo raras exceções, acomete os municípios brasileiros, em especial aqueles em que os candidatos do PT foram eleitos: "pesado déficit, forte endividamento e imenso atraso nos pagamentos devidos a fornecedores e empreiteiros". Isso sem contar "o perigo de colapso geral de muitos serviços - transporte, coleta de lixo, educação, saúde, creches etc.", já que não existiam estoques de alimentos, medicamentos, peças de reposição e equipamentos.

Todos os prefeitos petistas, e suas respectivas equipes de governo, têm plena consciência de que o enfrentamento desses problemas não será possível com medidas isoladas, por mais tecnicamente perfeitas que sejam. Eles exigem a mobilização permanente do povo, um profundo entrosamento com os militantes e simpatizantes do partido (especialmente os que não fazem parte da máquina administrativa) e ações conjuntas dos petistas eleitos.

Esta última idéia, parti-

cularmente, já fez com que nossos 36 prefeitos se reunissem em dezembro passado, no Instituto Cajamar, para alinhavar os princípios que nortearão as administrações municipais (ver, a respeito, o BN n.º 41). e, depois de empossados, encontros menores para debater problemas comuns - como foi o caso da reunião da prefeita Luíza Erundina com o de Porto Alegre, Olívio Dutra -, ou então para tomar medidas coletivas (foi o que motivou uma recente reunião dos prefeitos de São Bernardo, Santo André e Diadema, pela integração do transporte coletivo na região do ABCD paulista).

No sentido de iniciar um processo de recuperação da confiança do povo na coisa pública, os prefeitos petistas têm tomado algumas iniciativas exemplares no campo administrativo. O prefeito Olívio Dutra, por exemplo, logo que tomou posse, baixou portaria reduzindo em 20% seus próprios vencimentos e os dos secretários municipais, além de limitar drasticamente o uso dos carros oficiais. Todos os nossos prefeitos, aliás, já iniciaram um levantamento de funcionários fantasmas encrustados na máquina para processar suas demissões. Mas



Luíza e Olívio: problemas comuns

também há casos de reparação de injustiças, como a que levou a prefeita Erundina a readmitir funcionários demitidos por motivo de greve, pelo ex-prefeito Jânio Quadros.

Há que se destacar ainda o início do previsível enfrentamento com as grandes corporações privadas. O prefeito Vitor Buaziz (Vitória), por exemplo, foi levado a suspender pagamentos a empreiteiros (ver o quadro abaixo).

Duro com as empreiteiras

O prefeito de Vitória, Vitor Buaziz, determinou a suspensão de todos os pagamentos a empreiteiras e fornecedores, que têm a receber do município perto de NCz\$ 5,4 milhões. Vitor resolveu dar prioridade ao pagamento do mês de dezembro e do 13.º salário ao funcionalismo municipal.



Vitor Buaziz, prefeito de Vitória

O prefeito também denunciou a grave situação financeira do município, tendo em vista que 40% do ICM obtidos da parcela estadual estão comprometidos com dívidas assumidas com duas empresas e ainda existe o comprometimento de 20% do Fundo de Participação do Município (FPM) com pagamentos de cotas devidas ao Consórcio Garavelo.

Acima da média

Segundo Vitor, os gastos permanentes da Prefeitura estão muito acima da média. Disse que houve verdadeiros exage-

ros no uso dos telefones, especialmente na Secretaria do Planejamento, onde as contas registraram ligações para diversos países da Europa.

As duas empresas com as quais a Prefeitura está endividada são a Sá Cavalcanti e A. Fonseca. Elas estão consumindo dos cofres públicos, mensalmente, cerca de NCz\$ 45 mil. Com um agravante: A. Fonseca entende que seus créditos junto à Prefeitura continuam existindo, e o prefeito entende que já saldou a dívida.



Prefeitos petistas do ABCD: integração dos ônibus

Administrações petistas

A política na frente

A burguesia nos quer "pragmáticos" e "responsáveis". O PT saberá ir além?

Valter Pomar*

A primeira reação da burguesia frente à vitória petista nas eleições passadas foi qualificá-la como "vitória de uma minoria" ou como um difuso "voto de protesto", que eles não dizem por que veio justamente para o PT.

No momento seguinte, a imprensa burguesa adotou a tática de fomentar a luta interna do partido, divulgando fantásticos detalhes das "negociações de cargos", declarações contraditórias de dirigentes e eleitos etc. Vale tudo para confundir a militância e para mostrar ao povo que o PT é igualzinho a eles, aos partidos burgueses.

Mas a tática que as cabeças pensantes da burguesia preferem é a de convencer o PT de que, uma vez no poder, tem que passar a fazer parte do condomínio. Ou, como disse a Folha de S. Paulo, "queira ou não, o PT terá de defrontar-se, a partir de agora, com o imperativo de encarar sob uma nova ótica - não mais a de denúncia, mas a de coresponsabilidade - os problemas do país."

Eles querem que nos tornemos um partido da ordem, um partido "responsável". Querem que exercitemos o poder "de forma pragmática" (João Mellão, candidato a prefeito de São Paulo pelo PL).

Os menos dotados dizem que oposição é oposição, governo é governo, tendo chegado a hora do PT esquecer os compromissos de campanha. Os mais sofisticados dizem que o PT seguirá o mesmo caminho dos partidos socialistas de massa que surgiram na Europa no final do século passado. Ou, como disse desastrosamente um simpatizante do partido: "a tendência é tornar o PT um partido nacional de massas assalariadas, na forma dos partidos social-democratas europeus".

E qual foi a "tendência" destes partidos? Foram radicais na infância, reformistas na idade madura. Surgi-



ram do movimento operário, foram combativos, grevistas. Depois, ganharam espaço no parlamento, tornaram-se grandes partidos de massa, com peso na vida política nacional. E terminaram defendendo a transição gradual para o socialismo - tão gradual que até hoje não ocorreu, embora tenham passado pelo poder diversas vezes.

Trata-se então de convencer o PT de que o que é bom para os gringos é bom para o Brasil. A partir daí vale tudo: acusar nossos dirigentes de pregarem a "luta armada"; distinguir dentro do PT entre "os setores que optam por posições mais "responsáveis" e outros que, em nome de uma transformação revolucionária, medem menos, ou até preferem as consequências de certas ações"; dizem que nossa proposta de administrar com conselhos populares é "sovietização" e "bassismo".

É como se quisessem que o PT optasse entre o pragmatismo responsável e o esquerdismo desenfreado. A burguesia quer que sucumbamos às tentações inerentes à administração do Estado. Enquanto isto, o povo nos concede um crédito de confiança e aguarda.

Consciência crítica

O que mais apavora a

burguesia é a mobilização popular. Pois é ela que devemos estimular a todo custo. Os militantes petistas têm de se manter à frente dos movimentos populares e sindicais, mesmo que eventualmente contra uma administração petista. Não podemos incentivar no povo a confiança cega no governo, só porque estamos à

frente dele. Ao contrário, a principal garantia de que não nos desviaremos de nosso programa petista é a pressão popular.

Se não fizermos isso, quem capitalizará os erros de nossas administrações será a direita. Haja visto o episódio do aumento das tarifas de ônibus, em São Paulo e outras cidades administradas pelo PT.

A burguesia difunde a ilusão de que a administração pública é algo "neutro" na luta de classes. Que administração é "técnica". Nós devemos lembrar sempre que administração é política, que medidas aparentemente técnicas têm na verdade enorme conteúdo político e como tal devem ser tratadas. Isso, especialmente num ano de eleições presidenciais, onde qualquer iniciativa administrativa repercutirá no voto que cada eleitor depositará na urna.

Transparência e ofensiva

A burguesia espera que em pouco tempo façamos uso da máquina administra-

tiva na luta interna partidária, tal qual os partidos burgueses. Ao mesmo tempo, diz que o partido não deve impor "suas prioridades e orientações políticas" aos prefeitos do PT. Nós, ao contrário, devemos manter as administrações sob controle político do partido, mas separando rigorosamente a estrutura partidária da estrutura administrativa.

A burguesia quer que mantenhamos em segredo os procedimentos internos da Prefeitura. Nós, ao contrário, temos interesse na mais absoluta transparência.

Por enquanto, o povo está nos concedendo um crédito de confiança, que se esgotará rapidamente caso nos limitemos à administração do "possível". É fundamental, portanto, estar sempre na ofensiva, tomando iniciativas que de fato nos diferenciem da onda de descrédito por que passa hoje a administração pública brasileira.

*Membro de Secretaria de Formação Política do BR-SP

CAMPANHA

LULA

89

Chegou a hora!... Vamos botar nosso bloco na rua. Para isso o PT do Espírito Santo tem à disposição vários materiais de propaganda. Broches, plásticos, adesivos, camisetas, cartazes, etc. . .

Todo esse material é colorido e segue os modelos de A a F.

Pedidos e Informações
Depto. de Propaganda do
PT
C. P. 1145 - Vitória - ES
CEP 29001 - Tel.: (027)
222-8479

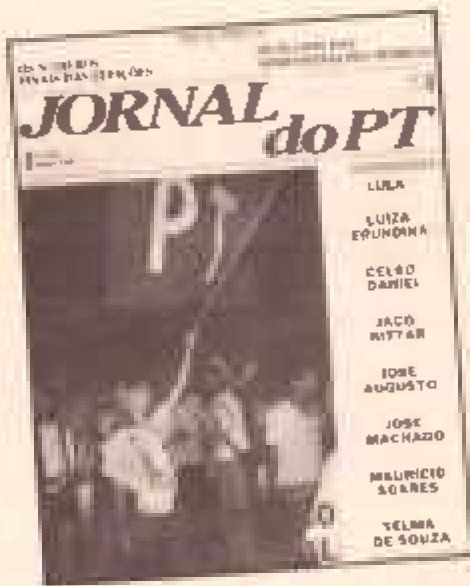
SAIBA DO PT

Saiba
da vida do Partido
das idéias em debate
das administrações municipais
da atuação de nossos parlamentares
da Campanha à Presidência da República



Simpatizante, filiado, militante,
dirigente: saiba tudo sobre o PT.
Petista de coração, petista pra
valer, tem que estar bem informado,
antes de mais nada, sobre o seu Partido.
Ainda mais agora.

As publicações do PT são a sua garantia
de estar por dentro de tudo que está
acontecendo no Partido, e as questões de
interesse de todos os trabalhadores.
Confira - adquira essas publicações em
seu diretório e leia-as. Ou peça sua
assinatura direto para nós, seguindo as
instruções do cupom. E se baixar o espírito
natalino, dê uma assinatura de presente
para o seu melhor amigo.



RECEBA AS PUBLICAÇÕES DO PT

Agora está simples e rápido. Escolha quais publicações lhe interessam, calcule o valor total das assinaturas e envie cheque nominal ao Partido dos Trabalhadores, juntamente com este cupom preenchido, para:

Departamento de Circulação do PT
Av. 11 de Junho, 260
04041 - São Paulo - SP

Não tem cheque?
Procure o seu diretório e faça as assinaturas.

NÃO MANDE VALE POSTAL

- () Jornal do PT - 12 edições - NCz\$ 4,00
- () Revista Teoria & Debate - 4 edições - NCz\$ 4,50
- () Boletim Nacional - 12 edições - NCz\$ 4,00

Nome:
End.:
Cidade: Estado:
Cep: Profissão: Idade:
Telefone: Filiado ao PT?

Lula no exterior

Lula favorito.

*Na visita a Cuba, Nicarágua, Peru e Chile, a
houve apoio para nossas propostas contra*

Ricardo Kotscho (*)

Solene, o embaixador do Japão em Havana, Ryo Kawade, cumprimentou um a um os membros da comitiva do PT que lhe tinham apresentado as condolências pela morte do imperador Hiroito. Fazia um claro dano naquela tarde de segunda-feira, mas um frio correu pela espinha dos brasileiros quando Kawade se dirigiu a Lula e falou na lata:

— Segundo as informações de que disponho, o senhor será o próximo presidente da República do Brasil.

Nos doze dias de viagem por quatro países da América Latina (Cuba, Nicarágua, Peru e Chile), em janeiro, esta foi uma constante: Lula foi recebido e tratado por chefes de Estado e governo, dirigentes partidários e sindicais, membros da hierarquia da Igreja e de movimentos populares não como apenas mais um candidato, mas como o mais provável futuro presidente da República.

A viagem só não atingiu todos os seus objetivos por-

que tivemos que retornar antes ao Brasil, atendendo a uma determinação da CEN diante do agravamento da crise econômica com o anúncio do chamado "Plano Verão". Desta forma, foi cancelada a ida à Argentina, última etapa da viagem, onde a delegação do PT tinha um encontro marcado com o presidente Raul Alfonsín e os principais dirigentes políticos e sindicais do país. Em outra data, ainda a ser marcada, Lula pretende cumprir este compromisso.

Nos demais países do roteiro - com exceção, é claro, do Chile de Pinochet - a delegação do PT (integrada por Lula e sua mulher, Marisa; o deputado federal José Genofino; o assessor econômico Paulo Sandroni; o assessor político Rui Falcão e o assessor de imprensa Ricardo Kotscho) teve a oportunidade de debater em profundidade duas questões centrais: o endividamento externo dos países do Terceiro Mundo e a integração da América Latina.

Feijoada com Fidel

Em Cuba, primeira etapa

da viagem, onde se integraram à comitiva os teólogos da libertação Frei Betto e Leonardo Boff, Lula e seus companheiros de viagem mantiveram um total de 16 horas de conversações com o presidente Fidel Castro. Logo na nossa primeira noite em Cuba, Fidel chegou de surpresa à casa onde estávamos hospedados para fazer uma visita de cortesia. A conversa na varanda rolou até de madrugada, e assim se repetiram as visitas durante toda a nossa estada em Cuba. Uma noite, a gente estava já de saída para uma recepção na Embaixada do Brasil em Havana, quando Fidel chegou para continuar o papo. Como já estava ficando tarde, nós o convidamos a ir junto para comer uma feijoada na casa do embaixador Italo Zappa, que deve ter levado um tremendo susto, já que chegamos depois das onze da noite.

De pé, na cozinha, encostado na geladeira e tomando uma cervejinha, Fidel contou toda a história da Revolução Cubana, desde os preparativos do heróico assalto ao quartel de Moncada, em 1953.

— Vocês não imaginam a aventura que foi a viagem no Granma. Quando finalmente avistamos a ilha, muito tempo depois do planejado ao sair do México, ninguém tinha certeza de que aquela ilha era Cuba... recordou o comandante da Revolução, lá pelas três da madrugada.

Solidariedade

Não haverá saída para os países devedores sem a

em razão do bloqueio econômico e dos ataques dos "contras". Apesar da vitória política e militar alcançada nestes dez anos de revolução, tanto Arce como o presidente Daniel Ortega reconheceram que a economia do país vive a sua maior crise, necessitando mais do que nunca da ajuda internacional.

Lula disse aos dois que o PT é hoje o único partido brasileiro que "pode andar



Com a CUT chilena, em Santiago

união de todos e a suspensão imediata do pagamento dos juros da dívida externa - essa foi a tônica das conversações em Cuba, uma constatação que se repetiria ao longo da viagem.

Foi dramática a situação que encontramos na Nicarágua. Sem condições de pagar suas dívidas, com a ajuda internacional diminuindo e muitas dificuldades para garantir o abastecimento de petróleo, o governo sandinista foi obrigado a consumir 60% do seu orçamento com a guerra para enfrentar os "contras" financiados pelos Estados Unidos. Bayardo Arce, vice-coordenador da executiva da FSLN, às voltas com uma inflação que chegou a 36.000% no ano passado, admitiu que o país está mais pobre hoje do que na época da Revolução Sandinista,

de cabeça erguida e defender velhos valores que estavam esquecidos no Brasil, como a moral, a ética e a dignidade", garantindo uma colaboração mais estreita entre os dois países, caso sua candidatura seja vitoriosa. Antes que isso aconteça, porém, Lula assegurou que o PT vai lutar no âmbito do Congresso Nacional para pressionar o governo brasileiro a retomar os financiamentos para a Nicarágua.

Autocrítica

Representantes de todos os partidos de esquerda do Peru encontravam-se no aeroporto às dez da noite quando a delegação do PT chegou a Lima. Na manhã seguinte, logo cedo, Lula foi tomar café da manhã com o padre Gustavo Gutiérrez, um dos principais lí-



Com Alan García, em Lima

Até no exterior

imagem do operário-estadista saiu fortalecida. E a dívida externa e pela integração da AL

deres da Teologia da Libertação na América Latina. A conversa girou em torno do trabalho ideológico necessário para organizar o povo e permitir uma tomada de consciência. No Congresso Nacional da República, Lula afirmou que "não existe saída individual para nenhum país da América Latina. Os partidos políticos e os sindicatos ainda não perceberam a importância de se tomar uma posição unitária para enfrentar os interesses dos banqueiros dos países credores".

Mostrando o caminho

Bastante aplaudido, Lula foi recepcionado pelo senador Valentim Pacheco, secretário-geral da Confederação Geral dos Trabalhadores do Peru, que con-

balhadora poderá chegar à presidência da República pela via eleitoral e pacífica.

Com o presidente Alan García, Lula voltou a discutir a aliança dos devedores. O presidente peruano defendeu a estatização do sistema bancário e disse textualmente a Lula: "Você, que vai ser o próximo presidente do Brasil, não deve repetir os meus erros. Tome todas as atitudes que você tiver que tomar assim que assumir, com a força do voto popular."

Depois de se encontrar com todos os principais dirigentes políticos do Peru, a comitiva brasileira seguiu para Santiago, onde se encontrou com o cardeal Silva Henríquez e teve uma longa reunião com os sindicalistas da CUT assim que chegou ao Chile. Reconhecido por



Com Fidel Castro, em Havana



Com Daniel Ortega, em Manágua

grega 2,5 milhões de associados. O senador eleito pelo Partido Comunista Peruano disse a Lula que o movimento sindical peruano acentuou nos últimos anos sua luta ant imperialista - uma luta que já contabiliza dez mil mortos pela violência. Em resposta, Lula afirmou que pela primeira vez na história a classe tra-

curistas brasileiros nas ruas, Lula deu autógrafos e foi aplaudido no salão do café da manhã no hotel, antes de se encontrar com dirigentes da Democracia Cristã e da Esquerda Socialista. Diante de dois mil participantes da "Escola de Verão", Alfonso Baeta, vigário da Pastoral Operária do Chile, afirmou que "Lula mostra o

caminho para toda a classe operária da América Latina". Ao agradecer as palavras de Baeta, o candidato do PT à presidência da República afirmou que "a primavera está chegando e o povo vai decidir o seu próprio destino".

Assessor de Imprensa do Lula

LULA PRESIDENTE

**A corrida começou.
Agora, só depende de nós**

Ajude o PT a ajudar você. Avise os amigos:

1. Que em qualquer agência bancária do país, quem tem fé no PT pode depositar qualquer quantia na conta nacional "Lula 89 - PT", aberta no Banco do Brasil - Agência 0300.X, conta n.º 13.000 1;
2. Que os comitês estaduais, municipais e grupos de apoio à candidatura Lula já estão sendo estruturados, abertos à participação de todos os interessados;
3. Para enviar sugestão de slogans, jingles e logotipos da campanha à sede nacional do PT (av. 11 de junho, 260 - CEP 04041 - São Paulo)
4. Para ajudar a organizar equipes que passem o vídeo do último programa de TV do partido (pedidos para a sede nacional ou para a TVT - fone: 571-2543).

Internacional

A democracia em perigo

Na Argentina, o Exército esmaga um comando guerrilheiro e tenta transformar Alfonsín em refém da direita

Andrés Mutti*

A Conferência de Exércitos Americanos, reunida em Mar del Plata há pouco mais de um ano, enfatizou uma suposta "extensão da guerra revolucionária, comandada por Nicarágua e Cuba", cujos alvos, a curto prazo, seriam Argentina, Brasil e Uruguai. Dentro da estratégia atual do Departamento de Estado norte-americano, cujo objetivo é a implantação de regimes constitucionais conservadores ("democracias controladas") na América Latina, a situação argentina era a que mais problemas colocava.

Com efeito, o desprestígio total das Forças Armadas, tanto no plano político como militar (a partir da derrota nas Malvinas), tornava quase impossível sua reinserção no quadro institucional. A ausência de uma guerrilha de esquerda cria um vazio que só poderia ser preenchido caso ocorresse um milagre: um setor da esquerda retomar as armas.

Na segunda-feira, 23 de janeiro, o milagre aconteceu. Um comando de 50 guerrilheiros tomou o quartel de La Tablada, próximo a Buenos Aires, matou oficiais e soldados, combateu durante 30 horas até que os 14 sobreviventes se renderam.

Provas forjadas

Os meios de comunicação tiveram fácil acesso ao local da batalha, a televisão e as fotos foram eloquentes: a polícia e o exército, os que torturaram e assassinaram, os que se renderam nas Malvinas, os que se sublevaram contra a Democracia, se haviam convertido, como por magia, em heróis defensores das instituições contra a agressão terrorista.

Mas de onde surgiu o terrorismo?

A resposta estava na cara: um dos subversivos abatidos era o advogado Jorge Baños, defensor de presos políticos e militante dos direitos humanos, dirigente do pequeno movimento Todos pela Pátria. O cérebro militar e comandante da operação seria Enrique Gorriarán Merlo, ex-dirigente do Exército Revolucionário do Povo (ERP), desarticulado pela repressão em 1976. Gorriarán, que conseguira fugir da Argentina, combateu na Nicarágua junto aos sandinistas e foi o chefe do grupo que executou o ex-ditador nicaraguense Anastasio Somoza no Paraguai. Ele retornou clandestinamente à Argentina, onde está sendo procurado.

A direita e os militares sempre afirmaram que os organismos de direitos humanos eram a fachada dos terroristas — e a presença de Baños no ataque confirmaria suas afirmações. Por outra parte, Gorriarán seria a prova do envolvimento da Nicarágua com o terrorismo argentino.

Isto bastou para que se constituísse o Conselho de Segurança Nacional, composto pelo presidente Alfonsín, pelos chefes militares, pelos ministros do Interior, Defesa, Relações Exteriores e pelo titular do Serviço de Informações do Estado.

Diante da situação de "guerra interna", a direita exige que se modifique a Lei de Defesa, para permitir a intervenção das Forças Armadas em conflitos internos. Retorna a Doutrina de Segurança Nacional. Simultaneamente, em vários países, surgem revelações sobre um "plano terrorista continental", tentando envolver o governo da Nicarágua, acusando-o de treinar terroristas estrangeiros acobertados nas Brigadas do Café.



O Estado de S. Paulo de 29 de janeiro, com base no jornal conservador de Buenos Aires *La Nación*, afirmou que "os fanáticos do MTP caíram numa armadilha maquiavélica e macabra": teriam sido infiltrados por agentes dos organismos de informação argentinos. Alguém (os mesmos militares que revelaram ao MTP que o coronel Seinedin teria saído da prisão para reunir-se com o candidato presidencial peronista Menem) os teria convencido de que, dia 24, eclodiria um golpe que os guerrilheiros poderiam abortar. Bastaria tomar o quartel, onde receberiam adesões de soldados e suboficiais...

A confusão aumenta mais ainda quando se sabe que, a 1.º de fevereiro, um pequeno jornal uruguaio divulgou um comunicado que atribui o ataque ao quartel a uma "Frente de Resistên-

cia Popular", informando que no último dia 23 se preparava um golpe em La Tablada e a matança de militantes de esquerda. Afirma-se, também, que Jorge Baños foi preso (não se sabe onde) e logo assassinado no quartel. A televisão estatal o teria filmado quando estava vivo nas mãos dos militares...

O próprio panfleto encontrado na mochila do cadáver de um dos guerrilheiros parece produto de alucinação: anuncia que o quartel foi tomado pela população e a FRP, formada ali mesmo, descreve os combates nas ruas, a formação de milícias, a tomada do poder e a constituição de um governo popular. Propõe um plano econômico e político de emergência, anuncia a dissolução do Exército etc. etc.

A mochila do morto continha outras surpresas, co-

mo um "equipamento básico de um militante de esquerda: fitas com música de protesto, discursos do Che Guevara, o plano operativo com nomes em código, descrição do armamento e os veículos utilizados, um livro de Moravia (seguramente para os momentos de ócio durante a operação), documento de identidade com o nome de um ex-militante do ERP, cartão de crédito, munição soviética e... cigarros cubanos! Só faltava uma coisa: a cabeça do guerrilheiro, esmagada pela lagarta de um tanque.

Este tipo de ação suicida e messiânica não é a primeira vez que ocorre na Argentina e suas consequências sempre foram as mesmas: maior repressão e a perda dos espaços democráticos conquistados. Mas tampouco é a primeira vez que os serviços de inteligência montam uma provocação.

Lamentável é que, mesmo depois dos horrores por que passou o povo argentino, ainda haja setores capazes de ações deste tipo, que só prejudicam ao povo que dizem defender. Até que ponto esteve presente a mão sinistra dos serviços secretos talvez nunca se saiba. O que espanta é que setores da esquerda possam ser manipulados com tanta facilidade.

De toda esta confusão, resta, infelizmente, uma certeza: na Argentina a democracia está em perigo — seus guardiões de hoje serão seus carrascos de amanhã, os militares genocidas.

Até o início de fevereiro, chegavam a 150 as ordens de prisão contra supostos envolvidos na operação e recomeçaram as ameaças telefônicas contra militantes de esquerda e ativistas dos direitos humanos. É preciso permanecer em estado de alerta.

Cultura

Ópio “Impróprio”

Um marxista fala sobre a Teologia da Libertação

“O marxismo é cada vez mais objeto de condescendência por parte de teólogos que aceitam não apenas a análise marxista, mas que concordam que o ateísmo marxista leva à transformação do homem.” As palavras são do coronel Jarbas Passarinho, candidato a candidato presidencial pelo PDS. Sua preocupação surge do engajamento político-partidário de expressivos setores da Igreja Católica ao lado dos trabalhadores. Preocupado também anda o Vaticano, que tem movido uma campanha internacional contra as correntes progressistas da Igreja, especialmente contra os adeptos da Teologia da Libertação. Por isso nomeia bispos conservadores para o Brasil, desmembra a Arquidiocese de São Paulo e censura dom Pedro Casaldáliga.

A participação dos movimentos cristãos ao lado dos trabalhadores vem no mínimo de 1960, com a fundação da Ação Popular - a partir de integrantes das Juventudes Católicas. Mais recentemente, a militância cristã foi uma das componentes da fundação do PT.

O fenômeno não se limita ao Brasil. Basta ver a participação dos cristãos nas lutas revolucionárias da América Latina, destacadamente na revolução nicaragüense, para se convencer de que parte significativa do “povo de Deus” pendeu para a esquerda, para o socialismo e para a revolução. Nos últimos anos tem havido uma tentativa de compreender melhor este fenômeno e sua incidência sobre a ação política de um partido como o PT. Um dos que se tem dedicado a este trabalho é Michael Löwy, sociólogo marxista, que em outubro do ano passado visitou o Instituto Cajamar para tratar do tema Teologia da Libertação.

Virada histórica

Se em 1964 a Igreja apoiou o golpe, em 1978 foi dentro dela que os trabalhadores grevistas se abrigaram da polícia. Isso para Löwy é um exemplo de como, em um curto período, parte importante do clero mudou de lado na luta de classes. Para ele, há explicações econô-



Leonardo Boff: a Igreja se reaproxima do povo

micas, sociais e políticas para essa virada, que ainda não foram adequadamente analisadas.

De uma forma geral, é notável a coincidência histórica de dois fenômenos: uma mudança interna na América Latina (cujo grande marco foi a revolução cubana) e uma mudança in-

terna na Igreja (com a convocação e realização do Concílio Vaticano II). A expressão teórica dessa virada, ocorrida no início dos anos 60, é a Teologia da Libertação, sistematizada mais tarde.

Separação

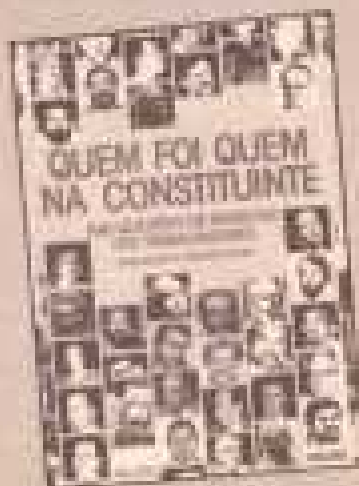
Apesar de a Igreja, como instituição, ter normalmente estado do lado de lá das barricadas, a história registra que em vários momentos setores expressivos dela se colocaram ao lado dos oprimidos. A novidade no caso da Teologia da Libertação é que seus teóricos como Leonardo e Clodovis Boff, Gustavo Gutierrez e outros adotaram o marxismo como instrumento de análise da realidade social.

Nas palavras dos irmãos Boff: o marxismo “ajudou a esclarecer e enriquecer certas noções maiores da teologia: povo, pobre, história, e mesmo práxis e política.” Naturalmente, os adeptos da Teologia da Libertação separam no mar-

xismo o que é o instrumental de análise (o materialismo histórico) de sua base filosófica materialista - “incompatível com a crença em Deus”, no entender de Löwy.

Isso desagradou profundamente a hierarquia da Igreja, o imperialismo e a direita brasileira. Paradoxalmente, desagradou também a muitos “marxistas” que continuam vendo na religião apenas o “ópio do povo”. E não conseguem compreender como podem existir os cristãos marxistas. Para estes, Löwy tem um recado: “a revolução na América Latina se fará com os cristãos ou não se fará”. (VP)

Não deixe de ler



Quem foi quem na Constituinte - Nas questões de interesse dos trabalhadores. Fundamental para avaliar a atuação de deputados e senadores na Constituinte, de olho em 90.

 CORTEZ EDITORA

Quem estiver interessado em conhecer melhor as opiniões de Michael Löwy deve adquirir o texto “Marxismo e Religiões na América Latina”, cadernos Democracia Socialista, Editora Aparte, de onde se extraíram as citações deste artigo.

Cartas

PT/GO chora
por Bete

O Partido dos Trabalhadores perdeu no mês de janeiro passado uma grande companheira que dedicou sua vida e profissão a serviço da luta da classe trabalhadora, Elizabeth Ribeiro, a Bete, morreu no dia 9 por complicações de parto. Médica, militante do movimento sindical, Bete atuou também nas comunidades de base e foi uma das fundadoras do PT de Goiás.

Aos 33 anos, Bete deixou três filhos: Tiego, Ana Terra e Raissa. Para o Diretório do PT, parentes e amigos que conviveram com ela, fica o exemplo de quem conseguiu fazer do dia-a-dia um palco de luta contra a opressão, a injustiça e de luta por uma vida melhor. Nesse momento, o PT de Goiás homenageia uma mulher com o orgulho de quem diz: "valeu a pena".

Diretório Regional de Goiás
Goiânia/GO

Marketing

Espero que o PT organize o setor de Comunicação e Marketing para a campanha do Lula.
Tó nessa!
O Planalto é da gente
Lula presidente.
PT Saudações

Marat Calado
Rio de Janeiro/RJ

Protesto
de um
aposentado

Esta breve mensagem é dedicada aos meus diletos companheiros aposentados.

Inspirado no cotidiano, nele encontrei imagens e motivos para a confecção desta mensagem, que está retratando de corpo inteiro a insatisfação do povo. Não será com remendos e paliativos de planos, pactos e pactos, tenham eles qualquer

um dos nomes das estações do ano, não será através de tal metamorfose que iremos facilmente nos libertarmos da impiedosa inflação a caminhar da hiperinflação.

O governo, junto aos seus ministros, tem feito algo para contê-la, porém até aqui todos os tipos de mágicas já foram experimentadas, e nenhuma deu resultado. O monstro da inflação, como não poderia deixar de ser, continua solapando os nossos minguados e irrisórios salários, há muito defasados, e que somente este governo finge desconhecer, e também os pseudos representantes ou defensores do povo, nas duas casas do Congresso, que lá não pareceram para votar os tão sentidos e prementes reajustes de nossos proventos. No entanto, em causa própria e como num passe de mágica, e na calada da noite, conseguiram multiplicar por duas (ou três) vezes o total que vinham percebendo (...).

Os contribuintes serão como sempre as vítimas inocentes de toda esta falá-

cia de democracia, que em má hora acreditando nestes senhores, neles votaram. Todavia, não longe estará o dia do ajuste de contas, e provavelmente nas próximas eleições iremos completar o ciclo que teve seu início nestas últimas, onde o eleitorado, numa demonstração de civismo e coerência, deu belíssimas respostas aos profissionais da política, carente ainda de uma resposta mais alta e sem nenhum sofisma, já que os mesmos necessitam de uma boa lição.

João Roberto de Lima,
aposentado
São Paulo/SP

Optar

Da comemoração do PT e do povo na avenida Paulista (São Paulo), surgiu este poema:

Era noite de festa.

As caras cruzavam caras
alegres

Constelações de estrelinhas
vermelhas
nos peitos, nas lapelas
eram mais que cadentes,
carregavam todas um país.

Um país onde nunca vive-
ram,

Eram, na sua maioria, es-
boços calculados de alijados
desinformados alienados

De uma geração que deveria
amar ou deixar o país

Que deveria saber, de filo-
safia, só que um dia uma
Universidade foi invadida,
para nos salvar.

Eram estrelas sorridentes
carregando estrelas ideoló-
gicas
ou não

Frustrando antigos esbo-
ços.

Era noite, mas só para o
dia.

Av. Paulista, 18-19/11/88
Getúlio César de Paula
São Paulo/SP

Erundina
no sertão
da Paraíba

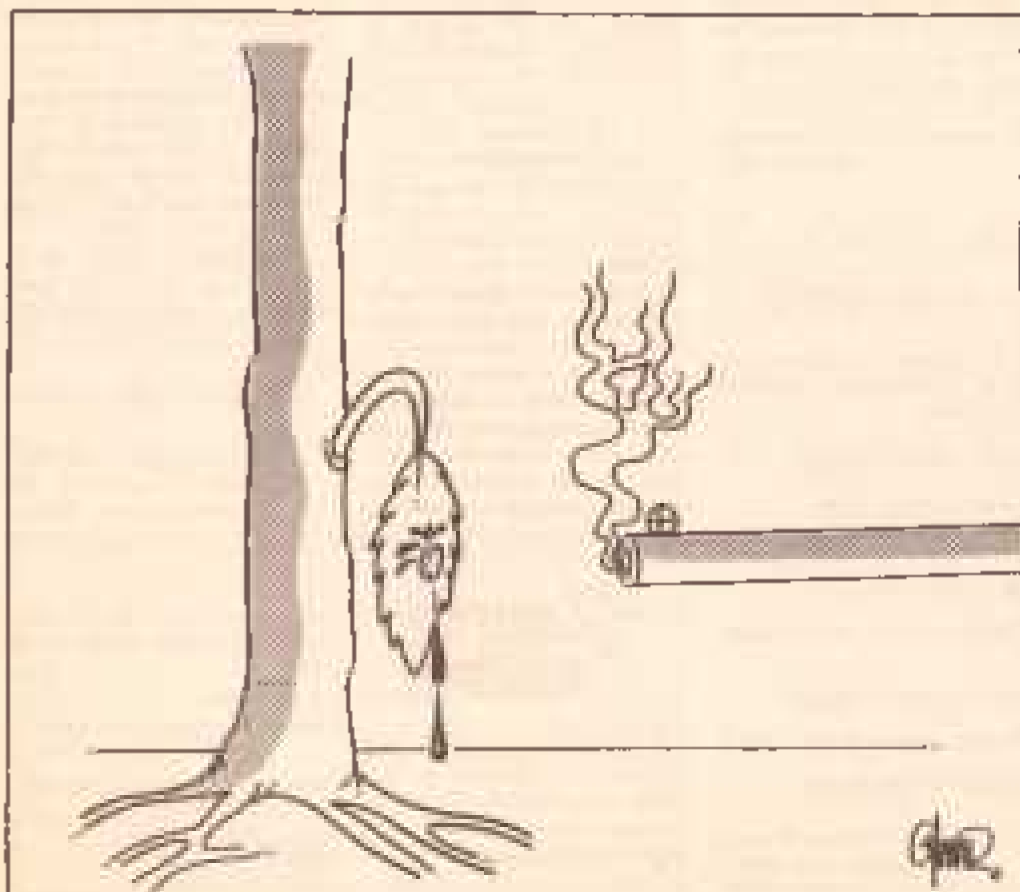
A viagem de Luiza Erundina ao sertão da Paraíba, particularmente ao seu sertão natal, Uiraúna, foi o acontecimento político mais significativo e extraordinário vivido pela população desta região. O que aconteceu foi um verdadeiro terremoto político que desencadeou grandes expectativas e esperanças em relação ao PT e a uma de suas estrelas maiores.

Desde João Pessoa, todas as cidades por onde ela foi passando, a população, espontaneamente, foi se lançando às ruas para saudá-la, abraçá-la e manifestar todo seu carinho e admiração. O povo sentiu em Erundina a possibilidade concreta de lutar por algo inteiramente novo, o caminho para a superação da dependência em relação aos esquemas políticos oligárquicos locais.

Nosso mais ardoroso desejo é que ela administre a Prefeitura de S. Paulo totalmente para os carentes, os trabalhadores, favelados e cortiçados, investindo o mínimo indispensável nos bairros ricos.

Uiraúna presenciou a mobilização e a festa mais impressionante de toda sua existência. De todos os estados vizinhos vieram dezenas de pessoas, inclusive muitas delas sem nenhuma militância política. (...)

Mas não poderíamos concluir sem nos referir ao diálogo que o autor desse artigo manteve com a companheira Erundina, diálogo este transmitido para toda região. Quando manifestei minha alegria por saudá-la pela vitória em São Paulo e por sua enorme contribuição ao avanço das lutas na região e no Brasil, sua resposta foi sensata e profunda: "Companheiro, agora tudo é festa, é alegria, mas minha principal preocupa-



ção é que tudo isto se constitua num sólido apoio dos trabalhadores, dos petistas e de todas as forças progressistas diante das enormes dificuldades e sabotagens que iremos enfrentar."

Nosso mais firme compromisso é de canalizar todo apoio e ajudar com idéias e sugestões a administração de Erundina, como parte da preparação do companheiro Lula a presidente da República.

Severino Dantas Fernandes
- militante do PT no sertão da Paraíba
Antenor Navarro/PB

Corrupção eleitoral

Fiquei muito chateado porque o PT perdeu as eleições em Anápolis. O PMDB ganhou mas o povo foi comprado com cestas de mantimentos nas bairros. Eles distribuíram muitos caminhões de cestas.

Quando das eleições para presidente, vou trabalhar para o Lula. Com todo prazer vou lutar nesta campanha, e vai dar Lula na cabeça.

O PT está crescendo em todo país. Sou filiado desde 1986, faço parte do Diretório de Anápolis. Se vocês tiverem material de campanha, podem mandar.

Antonio Davi Maia
Anápolis/GO

Eres mi Estrellita

Acho que vocês não me conhecem. Meu nome é Helena, tenho 11 anos e minha cidade é Rio Preto.

Mas o mais importante é que eu acho muito bonita esta luta de vocês. Quero lhes elogiar, e ajudar no que tiver ao meu alcance. Já estou ajudando o PT da minha cidade, entrego jornais etc.

Este ano eu e todos de minha casa já estamos firmes na campanha do Lula pra presidente.

Boa sorte e um grande abraço.

Helena Oliveira de Paula
Rio Preto/MG

A estrela do PT (Samba-enredo composto por Praxedes)

Atenção povo
Muito carinho com
essa estrela aí
Vamos à luta, pessoal
Surgiu uma estrela no céu
Iluminou
Na cidade e no campo
O caminho do trabalhador
Nosso lema é lutar
Sem esmorecer
Hoje eu tenho a esperança
Na estrela do PT
E você?

Você não fez conchavo
Não fugiu
E não se vendeu
Saiu e gritou bem alto
Com razão
Chega de exploração
Saiu e gritou bem alto
Chega de exploração
PT, PT, PT
O meu povo sofrido
Hoje espera por você
PT, PT, PT
A estrela valente
Que agora vai crescer
Ah! PT
PT, PT, PT
O meu povo sofrido
Hoje espera por você

Imprensa unificada

Sou filiado ao PT e assinante do Boletim Nacional, Jornal do PT e Teoria & Debate. Gostaria de dar uma sugestão: unificar os jornais Boletim Nacional e Jornal do PT, transformando-os num jornal mais amplo e talvez quinzenal. Outra sugestão é vender jornais nas bancas (como já foi feito em São Paulo durante algum tempo).

Eduardo Silva de Menezes
Aracaju/SE

Quadrinha de campanha

Aí vai uma quadrinha para a propaganda eleitoral deste ano:

1989, ano de decisão
Vamos eleger Lula
Presidente da Nação
Optamos pelo Lula
Precisamos de um presidente
Que resolva a situação
Por isso optamos pelo Lula
Chega de corrupção

José Francisco Tomaz
Fazenda Boa Vista,
Lajinha/MG

Petista de coração

Sou agricultor, moro na Fazenda Malhada, município batano de Jaguaquara. Sou Raimundo de Odílio, filho dessa terra, há vinte e cinco anos trabalhando na agricultura.

Sem nunca pensar em ser político, passei a ser, porque os tubarões só procuram a gente na época das eleições. Depois, já era: a cidade fica abandonada por eles. Aquele Plano Cruzado me deixou arrasado. Tinha uma caminhoneta que fui obrigado a vender para pagar dívidas. Foi aí que eu conheci o Lula, no programa do PT na televisão, e simpatizei com ele.

Eu não era filiado, vi a campanha dos deputados, resolvi ir até Salvador, pegar ficha e entrei para o partido. Ganhei a confiança dos companheiros e fui eleito, com o voto do povo, membro da Comissão Provisória e, depois, presidente

do Diretório Municipal, onde ajudei a eleger o médico Dr. Oswaldo Moraes para prefeito da nossa cidade, que tem 40 mil habitantes. Fui eleito vereador, com o maior número de votos de Jaguaquara.

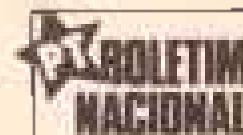
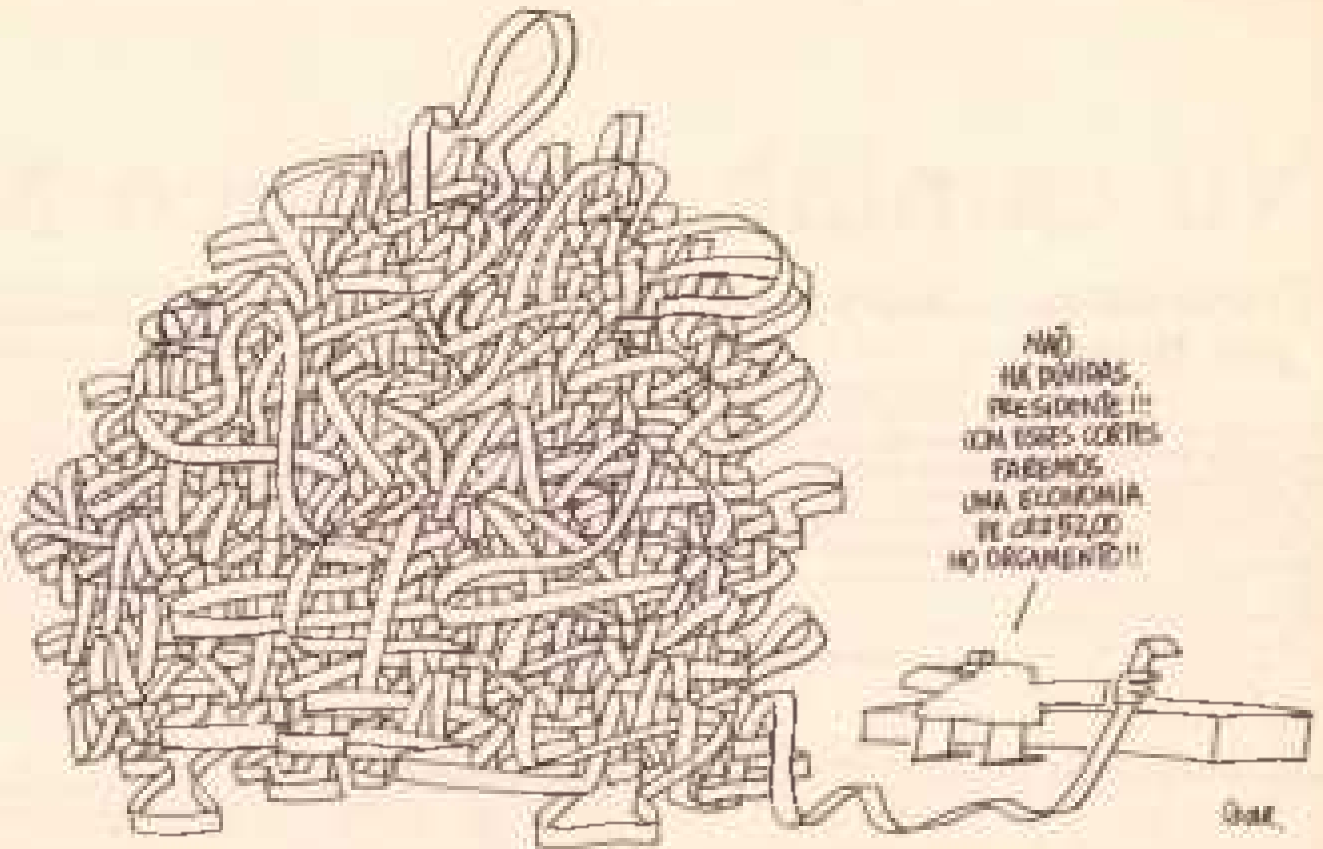
Já trabalhei em cinco cidades do interior de São Paulo, onde inclusive mora meu irmão (em Araras).

Gostaria muito de conhecer pessoalmente o Lula e a prefeta eleita de São Paulo, companheira Luíza Erundina, e dar um abraço neles. Agora, para eu ficar mais feliz ainda, quero ver o Lula eleito presidente da República. Assim como todos os petistas, eu já estou fazendo sua campanha e vou trabalhar para valer.

Nós somos eleitos aqui com a força de Deus e sem dinheiro. Somos petistas de coração e apoiados pelo povo.

Saudações a todos vocês

Raimundo de Odílio
Casa do Lavrador, 68
Jaguaquara, Bahia



Repórter: Marisa Lourenço

Colaboradores: Hugo Scotti, João Paulo Cunha, Ricardo Kutschko, Valtir Pinhar

Charges: Gilmar

Diagramação: João Francisco Esvald
Eliana da Silva Esvald

Comp., Fotel. e Impr.: DCI - Indústria Gráfica & Editora S.A.

Tiragem: 30 mil exemplares
Impressa em 03/07/89

Órgão da Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores, av. 11 de Junho, 260, CEP 04041, São Paulo/SP - fone: 575-2299.

Coordenador de Imprensa: Rui Falcão
Editor: Cicero Araújo

No caminho de Chico Mendes

O sucessor do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, assassinado em dezembro, é Júlio Barbosa de Aquino, 34 anos, pai de um filho, que concedeu uma entrevista exclusiva ao BN

BN - Como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri pretende continuar a luta encarnada por Chico Mendes?

Júlio - A luta que os seringueiros de Xapuri faziam quando Chico Mendes estava vivo continuará do mesmo jeito. Que luta é essa? Nós reivindicamos que nenhuma árvore seja derrubada na Amazônia, nenhuma árvore seja derrubada em Xapuri. Decidimos isso no ano passado, quando nos reunimos com 150 seringueiros no Seringal Cachoeira (próximo a Xapuri). Os fazendeiros, em alguns casos, ainda conseguiram derrubar a floresta. Mas nunca derrubaram o tanto que queriam, porque os seringueiros resistiram, pressionaram e sempre conseguiram pelo menos um "empate" (impedimento da derrubada) parcial. Quem pensa que essa luta vai acabar com a morte de Chico Mendes está muito enganado.

BN - Continua a haver ameaças de morte contra lideranças sindicais em Xapuri?

Júlio - As ameaças existem, sim. Xapuri se transformou agora numa cidade de jagunços. A população, que até há pouco tempo achava que podia viver numa cidade tranquila, sem violência, está recolhida em suas casas, enquanto as praças são ocupadas por grupos de homens armados. As pessoas temem sair de casa e não voltar mais.

BN - A investigação policial do assassinato de Chico Mendes, tanto local quanto federal, está convencendo vocês?

Júlio - Eu tenho dúvidas em relação à investigação. Tenho a impressão de que a polícia está atuando apenas no sentido de que a gente venha um dia a se conformar e esquecer o crime. Porque se a polícia estivesse mesmo interessada em pegar os assassinos e os envol-

vidos, eles já teriam sido pegos. O próprio Darli (Darli Alves, fazendeiro suspeito de encomendar o crime), quando se entregou à polícia, disse que o cerco dos policiais na estrada não adianta nada. O que indica uma espécie de cumplicidade do corpo policial com os latifundiários criminosos.

BN - E o envolvimento da UDR no caso?

Júlio - A UDR do Acre é um dos setores mais violentos da entidade em todo o Brasil. Não há dúvida que a UDR é uma das grandes responsáveis pela morte de Chico Mendes. Senão o fazendeiro João Branco, presidente da UDR no Estado, não teria fugido para a Europa no dia seguinte ao crime. Outra coisa: uma hora e meia depois do crime, o jornal "Rio Branco", dirigido pela UDR, já estava noticiando o ocorrido. Até parece que tudo já estava preparado.

BN - Como a questão da reforma agrária é colocada pelo sindicato de Xapuri? O problema da terra na Amazônia é diferente do resto do Brasil?

Júlio - Em Xapuri, a profissão da maioria dos trabalhadores é extrair o látex da seringa. A questão essencial, para eles, é preservar as árvores, que são a fonte de sua sobrevivência.

As experiências de pegar grandes áreas de terra e reparti-las em pequenas propriedades não deram muito certo aqui. As dificuldades de crédito agrícola, os juros altos e a falta de assistência técnica do governo fizeram com que muitos trabalhadores vendessem seu pedaço de terra para latifundiários.

Então, para nós, o mais importante, nas regiões não desmatadas, é obter do governo o que chamamos de reservas extrativistas: áreas onde os povos da floresta - índios e brancos - possam utilizar os recursos naturais em comum.



Julio Barbosa (à esq.): reforma agrária e ecologia, inseparáveis

A última fronteira

A Amazônia é a última fronteira de expansão geográfica do capitalismo brasileiro. É nesse contexto que se pode entender toda a política de destruição e devastação generalizadas que se abate sobre a região. Se a "Nova República" significou uma fachada civil para o governo militar, para a Amazônia, até mesmo a fachada continua militar: todos os órgãos responsáveis pela política indígena, ambiental, mineral, energética e fundiária estão diretamente subordinados à Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional - Saden - que substituiu o antigo Conselho de Segurança Nacional, "extinto" pela nova Constituição. O ge-

neral Bayma Denis é o interlocutor obrigatório para qualquer movimento reivindicatório da Amazônia. Ele tem as mesmas prerrogativas de um governador-geral da época do Brasil Colonial.

Resistência

A guerrilha do Araguaia foi o primeiro grande movimento de resistência à nova política de penetração capitalista posta em prática depois de 1964. Os velhos seringueiros, castanheiras e ribeirinhos resistiram como puderam, e foram chacinados. Aqui se revela o absoluto despreparo das classes dominantes brasileiras para

conviver com quem reivindica direitos e não o favor e o clientelismo. Apesar disso, esses Chico Mendes, Paulo Fontelles, Wilsons Pinheiros continuam vivos, através da luta por uma Amazônia sem violência, onde o progresso econômico e social se compatibilize com o meio-ambiente. São eles que saberão honrar a herança legada pelos que ocuparam o Acre e poderão repatriar os 60 mil brasileiros que o desenvolvimento da política militar do "integrar para não entregar" expulsou, em benefício de grandes empresas nacionais, como o senhor Silvío Santos, e multinacionais, como a Volkswagen. (Carlos Walter P. Gonçalves)